

Homenagem ao Dr. Francisco Amorim

Todos o sabemos!

A proliferação das frases feitas, pomposas e inúteis, sempre fez o seu caminho; também aí se prolonga a arte da Retórica.

Por más razões, essa vacuidade das palavras que nada significam é claramente excessiva num certo Portugal que também é o nosso: “perdiqheiro marrado e sem narizes, sem perdizes, feira cabisbaixa”, como escrevia o O’Neill.

Nos Maias, na cena do Sarau do Teatro da Trindade, o Rufino, personagem bem queirosiana, com uma oratória balofa, feita de lugares comuns, provocava uma reação entusiástica de quem o ouvia. Todos se acotovelavam para o ouvir.

Pela voz de João da Ega, Eça explicava, com sarcasmo, este nosso fascínio pela superficialidade dos que muito falam e nada dizem:

“Nós, os meridionais, gostamos do palavreadinho mavioso.”

Uma das mais formidáveis demonstrações da retórica vazia surge no elogio aos que exercem funções de visibilidade pública, os ditos famosos, as proclamadas celebridades, nesse mundo deles, do social, da política, do espetáculo, autocomplacente e estéril.

As loas, os aplausos são embrulhados em frases redondas, descrevem boas intenções, mas nunca cuidam de atos concretos, da realidade das coisas, dos factos da vida, os únicos que, em silêncio, afinal, tudo provam.

Não trabalhei nem privei pessoalmente com o Dr. Francisco Miranda.

Mas sei do seu compromisso modelar com a causa pública.

Sei como, nunca em “bicos de pés” mas de forma discreta, serviu a magistratura num longo período de cerca de seis anos após a jubilação. Sei como abnegadamente realizou um trabalho que não lhe era pedido; sei como o fez sem nada pedir, ou receber, em troca, permitindo, em época de carência de recursos humanos, à magistratura do Ministério Público cumprir a sua missão, neste nosso Tribunal da Relação do Porto.

Dando o seu melhor enquanto profissional, a troco não de dinheiro ou do que é material, mas apenas pela satisfação espiritual que resulta do serviço à comunidade, à causa pública.

Como proclamava Flaubert, o que o dinheiro faz por nós não compensa o que nós fazemos por ele. Mas acredito – e disso quero dar nota pública - que o testemunho singular do Dr. Francisco Amorim assumido por atos, por factos, na realidade vivida, obriga-nos a afugentar as frases redondas, a afastar aquela retórica vazia, inútil.

No centenário do nascimento de Agustina Bessa Luís, buriladora de palavras de granítica solidez, sem concessões ao fácil, ao imediato, ao “bonitinho”, termino com uma frase sua:

“O país não precisa de quem diga o que está errado; precisa de quem saiba o que está certo.”

O Dr. Francisco Amorim está certo.

Porto, 7 de Dezembro de 2022

José Igreja Matos